







© Editora UFLA 2022 by Ronei Ximenes Martins (Organizador).

Este livro é de uso livre e gratuito e pode ser copiado na íntegra ou em partes, desde que se cite a fonte.

Qualquer dúvida ou informações, entre em contato conosco pelo e-mail: [editora@editora.ufla.br](mailto:editora@editora.ufla.br)

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens e/ou textos de outro(s) autor(es), é de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).

Direitos de publicação reservados à Editora UFLA.

Impresso no Brasil - ISBN: 978-65-86561-25-8

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

Reitor: João Chrysostomo de Resende Júnior

Vice-Reitor: Valter Carvalho de Andrade Júnior

Pró-Reitor de Pesquisa: Luciano José Pereira

## CONSELHO EDITORIAL

Flávio Monteiro de Oliveira (Presidente), Patrícia Carvalho de Moraes (Vice-Presidente), Andréia da Silva Coutinho, Angélica Souza da Mata, Camila Souza de Oliveira Guimarães, Erick Darlison Batista, Fernanda Gomes e Souza Borges, Giancarla Aparecida Botelho Santos, Giovanna Rodrigues Cabral, Graziane Sales Teodoro, Ilsa do Carmo Vieira Goulart, Lucas Rezende Gomide, Maria das Graças Cardoso, Patrícia Aparecida Ferreira, Roney Alves da Rocha, Rony Antônio Ferreira, Zuy Maria Magriotis.

## EXPEDIENTE EDITORA UFLA

Flávio Monteiro de Oliveira (Diretor)

Alice de Fátima Vilela

Damiana Joana Geraldo Souza

Késia Portela de Assis

Marco Aurélio Costa Santiago

Patrícia Carvalho de Moraes (Vice-Diretora)

Renata de Lima Rezende

Vítor Lúcio da Silva Naves

Walquíria Pinheiro Lima Bello

Revisão de português: Mídia revisões - Aline Fernandes Melo

Revisão de referência: Isabel Cristina de Oliveira - Bibliotecária: Júlia de Fátima Emilioreli Giarola

Imagem da Capa: Nuvem frequencial de termos gerada com o aplicativo <http://www.wordclouds.com>, a partir dos textos do livro. Criação do organizador da obra.

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA

Metodologia de pesquisa científica : reflexões e experiências investigativas na educação / organizador: Ronei Ximenes Martins. – Lavras : Ed. UFLA, 2022.  
281 p. :il.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86561-25-8

1. Pesquisa qualitativa. 2. Educação. 3. Formação de professores. I. Martins, Ronei Ximenes. II. Universidade Federal de Lavras.

CDD – 001.42

Ficha elaborada por Eduardo César Borges (CRB 6/2832)



### EDITORIA UFLA

Campus Universitário da UFLA, Andar Térreo do Centro de Eventos, Cx. Postal 3037,

CEP 37200-900 - Lavras/MG, Tel: (35) 3829-1532 - (35) 3829-1551

E-mail: [editora@ufla.br](mailto:editora@ufla.br), Homepage: [www.editora.ufla.br](http://www.editora.ufla.br)



## DEDICATÓRIA

Quando iniciamos a elaboração desta obra, nem em pesadelos seria possível imaginar o que se sucederia em 2020 e 2021. Enquanto escrevíamos os capítulos, revisávamos e editorávamos a versão final confinados em nossas casas, milhões de pessoas adoeceram de COVID-19 e, somente no Brasil, 610 mil perderam a vida enquanto o livro foi escrito e revisado. Em meio a tanta tristeza e medo, mantivemos nossa esperança e a convicção de que somente a pesquisa científica e o conhecimento especialista produzido nas universidades e centros científicos do mundo poderiam salvar a humanidade da pandemia. O que nos aconteceu em 2020-2021 já entrou para os fatos relevantes da nossa história e deve ser alerta de que é preciso manter e ampliar o investimento na ciência e na educação como fatores essenciais de proteção da vida e dos valores relevantes da humanidade.

Este livro é dedicado a todas as pessoas que trabalharam incansavelmente para a produção dos conhecimentos científicos imprescindíveis à superação dos efeitos perversos da pandemia de COVID-19.

Também é dedicado a todas as vítimas desta catástrofe que já ceifou milhões de vidas, muitas dessas mortes evitáveis não fosse o negacionismo, a ignorância, a ganância, o egocentrismo e a perversão que, infelizmente, ainda dominam milhões de mentes e corações.

Que, no final, a ciência e a ética triunfem! Não faz sentido produzir conhecimento se ele não nos torna pessoas melhores, sociedades mais justas/inclusivas e o nosso planeta ambientalmente sustentável/preservado para as próximas gerações.



## APRESENTAÇÃO

Em 2015 fui convidado a elaborar um livro sobre Metodologia de Pesquisa para um curso de especialização em Educação Ambiental, área interdisciplinar com atuação simultânea em torno do ambiental e do educacional. Contando com a colaboração de vários colegas professores e pesquisadores, organizei a obra intitulada: Metodologia de Pesquisa: Guia Prático com ênfase em Educação Ambiental. Além de atender aos estudantes da especialização, houve grande aceitação por parte dos estudantes de graduação e pós-graduação stricto sensu na área de educação. Existem indicações para acesso à versão e-book em vários sites e redes sociais. O livro esteve entre os 100 produtos mais acessados no repositório institucional da UFLA, no ano de 2016.

A edição impressa esgotou rapidamente e, desde então, tenho recebido muitas solicitações para a publicação de versão atualizada e aprimorada. A partir dessa demanda e contando, mais uma vez, com o trabalho colaborativo dos colegas professores e pesquisadores que compõem comigo a autoria dessa obra, lançamo-nos ao desafio de elaborar uma “nova versão” da obra, contudo, desta vez direcionada para delineamentos destinados às investigações no campo científico da educação. Por ser nova edição do livro originalmente elaborado em 2015, alguns capítulos de minha autoria, ou partes deles, foram republicados nesta reedição, com aprimoramentos e atualizações. Nestes casos, inseri nota de rodapé informando que se trata de reutilização de trechos originalmente contidos na primeira edição.

O objetivo principal desta nova versão consiste em oferecer subsídios aos estudantes de graduação e de pós-graduação para a concepção, delineamento e o desenvolvimento de processos de pesquisa que gerem conhecimento cientificamente e socialmente relevantes. Sabemos que existe abundância de temas para pesquisa e muitos problemas a serem investigados, mas a experiência com orientação de graduandos e pós-graduandos nos mostra que a maior dificuldade do pesquisador em formação é a compreensão profunda de como organizar e aplicar a metodologia de investigação com criatividade e rigor suficientes para gerar conhecimento novo com sólidas evidências de validade. Além disso, realizar uma investigação que cumpra a função social de enriquecer não só o que se sabe, mas principalmente o que se faz nessa área.

Para não fugir ao nosso objetivo principal, procuramos desenvolver os capítulos tendo como base seu caráter aplicado dos conhecimentos conceituais a respeito da produção de conhecimentos científicos, mesclando a linguagem formal da comunicação científica com diálogos sobre as formas de se investigar, sob abordagens qualitativa



e quantitativa, os problemas da área da educação. Procuramos trazer para ele a experiência adquirida na atuação como pesquisadores, além da aprendizagem obtida nas interações com os estudantes da disciplina Metodologia de Pesquisa, que leciono na graduação e pós-graduação.

O livro foi organizado em quatro partes. Na primeira, exploramos as formas de construção de conhecimento e os conceitos relacionados à pesquisa em educação. Na segunda parte, reunimos diferentes abordagens e delineamentos para processos de pesquisa, incluindo diferentes tipos de pesquisa de campo e bibliográfica, buscando destacar as especificidades e os caminhos de cada delineamento típico, bem como diferentes formas de obtenção de dados. Já na terceira parte foram reunidas orientações relevantes sobre processos de análise de dados, visto ser etapa crucial para o desfecho dos processos de investigação. Por fim, tem-se a quarta divisão, na qual são apresentadas orientações sobre a produção da escrita acadêmica e a elaboração de relatórios de pesquisa, observando-se as regras da comunicação científica.

A organização em 4 partes, cada qual subdividida em capítulos, visa criar uma trilha básica de estudo, de igual modo possibilitar uma leitura não linear, pela qual se viabilize a compreensão dos conceitos e suas aplicações. Portanto, você pode, a partir do sumário, por iniciativa própria ou por indicação de seu mentor de pesquisa, ir direto aos capítulos que considera serem mais aderentes ao seu estilo e objetivo como pesquisador. Qualquer que seja sua escolha para trilhar a leitura dos capítulos, sugiro que não deixe de ler os três iniciais, pois apresentam conceitos e reflexões básicas sobre a organização de um processo de pesquisa.

Ensinar metodologia de pesquisa consiste num grande desafio. Apesar da complexidade do tema, que envolve muita informação, procuramos inserir neste livro o conteúdo essencial para a compreensão dos processos de pesquisa, com efeito, discorrendo a respeito de saberes relevantes para o desenvolvimento dos trabalhos solicitados na conclusão dos cursos de graduação de pós-graduação na área de educação.

Por fim, destaco que foram indicadas diversas leituras complementares e materiais adicionais que serão úteis na complementação e no aprofundamento dos seus estudos sobre metodologia de pesquisa. Agradeço aos meus colegas que escreveram capítulos e contribuíram imensamente para tornar esta edição possível, e a você, leitor, pela oportunidade de trabalharmos em conjunto, ensinando e aprendendo a pesquisar.

Boa leitura!

Ronei Ximenes Martins

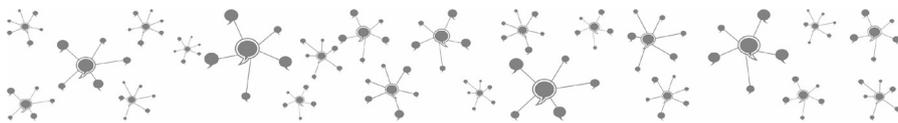


## SUMÁRIO

<b>Parte 1 - Bases conceituais .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 - Aspectos teóricos e interesses da produção de conhecimento .....</b>	<b>12</b>
1.1 <i>Introdução .....</i>	12
1.2 <i>Conhecimento científico e conhecimento filosófico .....</i>	13
1.3 <i>Fundamentos para a pesquisa em educação .....</i>	16
1.4 <i>Teoria tradicional e teoria crítica: pressupostos epistemológicos .....</i>	19
1.5 <i>Pesquisa, conhecimento e interesse .....</i>	25
<i>Referências .....</i>	27
<b>Capítulo 2 - O processo de pesquisa em educação .....</b>	<b>28</b>
2.1 <i>Introdução .....</i>	28
2.2 <i>Abordagens de Pesquisa em Educação .....</i>	31
2.3 <i>Abordagem Quantitativa .....</i>	33
2.4 <i>Abordagem Qualitativa .....</i>	38
<i>Referências .....</i>	42
<b>Capítulo 3 - Planejamento de pesquisa .....</b>	<b>44</b>
3.1 <i>Introdução .....</i>	44
3.2 <i>O Problema de Pesquisa .....</i>	46
3.3 <i>Justificativa para a realização da pesquisa .....</i>	48
3.4 <i>Objetivos de Pesquisa .....</i>	49
3.5 <i>Percurso Metodológico da Pesquisa .....</i>	51
3.6 <i>Pesquisa bibliográfica e/ou documental .....</i>	52
3.7 <i>A Observação científica de fenômenos .....</i>	54
3.8 <i>Breve orientação sobre entrevistas .....</i>	57
3.9 <i>Análise e interpretação dos dados coletados .....</i>	60
3.10 <i>Cronograma de execução e recursos necessários para a pesquisa .....</i>	62
<i>Referências .....</i>	64
<b>Capítulo 4 - No lapidar das palavras: a entrevista como     processo de interação e dialogicidade .....</b>	<b>66</b>
4.1 <i>Introdução .....</i>	66
4.2 <i>A entrevista como processo de interação .....</i>	67
4.3 <i>Entrevista: um instrumento de obtenção de dados .....</i>	70
4.4 <i>Estruturação das entrevistas .....</i>	72
4.5 <i>Aplicação da entrevista .....</i>	75
4.6 <i>Vantagens e desvantagens da entrevista .....</i>	78
4.7 <i>Entrevistas em grupo .....</i>	79
4.8 <i>Grupos focais .....</i>	80



4.9 Considerações finais .....	82
Referências .....	83
<b>Parte 2 - Delineamentos de pesquisa .....</b>	<b>85</b>
<b>Capítulo 5 - Introdução a delineamentos de pesquisas em educação .....</b>	<b>86</b>
5.1 Introdução .....	86
5.2 Pesquisa-ação .....	86
5.3 Pesquisa participante .....	87
5.4 Estudos de casos .....	87
Referências .....	89
<b>Capítulo 6 - Delineamentos dos tipos Survey e Estudo de caso .....</b>	<b>90</b>
6.1 Introdução .....	90
6.2 O Survey .....	91
6.3 Quem conta um caso utiliza a metodologia estudo de caso? .....	96
6.4 Etapas para o desenvolvimento do estudo de caso .....	99
6.5 Combinação do estudo de caso e survey .....	102
6.6 Cenário para elaboração de uma pesquisa envolvendo o método Survey e o estudo de caso .....	103
6.7 Considerações .....	104
Referências .....	105
<b>Capítulo 7 - Revisão sistemática como delineamento de pesquisa .....</b>	<b>107</b>
7.1 Introdução .....	107
7.2 Etapas da revisão sistemática .....	108
7.3 Objetivo da Revisão sistemática .....	108
7.4 Critérios de elegibilidade: inclusão e exclusão .....	109
7.5 Delineamento de pesquisa dos artigos a serem recuperados .....	110
7.6 Estudos de Revisão de artigos Quantitativos .....	110
7.7 Estudos de Revisão de pesquisas qualitativas .....	111
7.8 Estudos de Revisão de artigos Mistos .....	113
7.9 Estudos de Revisão de artigos Qualitativos e Quantitativos .....	115
7.10 Considerações finais sobre as revisões sistemáticas .....	122
Referências .....	123
<b>Capítulo 8 - Sobre os desafios das pesquisas históricas: urdiduras de um caminho em construção .....</b>	<b>125</b>
8.1 Preâmbulo .....	125
8.2 Por que pesquisamos a História da Educação? .....	126
8.3 Como pesquisamos a História da Educação? .....	130
8.4 No domínio da Educação: liames entre a Política e a Cultura .....	133



8.5 Considerações finais .....	139
Referências .....	140
<b>Capítulo 9 - A História Oral e suas prerrogativas para as pesquisas históricas: duas experiências em perspectiva .....</b>	<b>143</b>
9.1 Delineando a História Oral .....	143
9.2 Tipologias (ou gêneros) da História Oral .....	145
9.3 Interfaces entre Memória e História Oral .....	146
9.4 Primeiro Projeto - Por uma memória institucional: o decurso histórico do curso de Educação Física da UFLA .....	151
9.5 Segundo Projeto - Entre Memórias e Histórias: a trajetória de vinte anos da Editora UFLA .....	155
9.6 Considerações (circunstancialmente) Finais .....	159
Referências .....	160
<b>Capítulo 10 - A netnografia na escola como metodologia de pesquisa .....</b>	<b>163</b>
10.1 Introdução .....	163
10.2 Netnografia, etnografia e escola .....	164
10.3 A Netnografia ética .....	168
10.4 A netnografia e suas aplicações na escola .....	171
10.5 O quanti e o quali .....	172
10.6 Os instrumentos de coleta .....	173
10.7 Considerações finais .....	177
Referências .....	179
<b>Capítulo 11 - “Eu fico com a pureza das respostas das crianças... É a vida, é bonita e é bonita”: pesquisar-poetizando com as culturas da infância .....</b>	<b>182</b>
11.1 O reverso científico com as culturas da infância .....	182
11.2 Pesquisar-poetizando com as culturas da infância .....	187
11.3 Considerações finais .....	196
Referências .....	199
<b>Parte 3: Análise de dados .....</b>	<b>203</b>
<b>Capítulo 12 - A teoria da atividade como instrumental analítico .....</b>	<b>204</b>
12.1 Introdução .....	204
12.2 Conceito de atividade e as três gerações da Teoria da Atividade .....	205
12.3 A Teoria da Atividade como princípio analítico das pesquisas sobre atividade humana .....	210
12.4 Considerações finais acerca da teoria da atividade .....	216
Referências .....	216



<b>Capítulo 13 - A análise de conteúdo como uma metodologia de análise de dados para pesquisa com Surdas e Surdos .....</b>	<b>219</b>
13.1 <i>Introdução</i> .....	219
13.2 <i>A Surdez</i> .....	220
13.3 <i>Uma pesquisa com participantes Surdas e Surdos</i> .....	221
13.4 <i>Obtenção e análise de dados visuais</i> .....	222
Referências .....	234
<b>Capítulo 14 - A análise de conteúdo em estudos de organizações educacionais ....</b>	<b>236</b>
14.1 <i>Introdução</i> .....	236
14.2 <i>A Análise de Conteúdo</i> .....	237
14.3 <i>As Etapas da Análise de Conteúdo</i> .....	238
14.4 <i>As Técnicas da Análise de Conteúdo</i> .....	239
14.5 <i>A Análise de Conteúdo em Estudos Organizacionais</i> .....	241
14.6 <i>Considerações finais sobre a aplicação da análise de conteúdo</i> .....	242
Referências .....	242
<b>Capítulo 15 - Exemplo de uso de aplicativo para análise de conteúdo em pesquisa qualitativa exploratória .....</b>	<b>243</b>
15.1 <i>Introdução</i> .....	243
15.2 <i>O contexto da investigação</i> .....	244
15.3 <i>O aplicativo TextSTAT</i> .....	245
15.4 <i>Exemplificando o percurso da análise de dados</i> .....	250
15.5 <i>Algumas considerações sobre o processo de análise</i> .....	253
Referências .....	253
<b>Parte 4 - Comunicação Científica .....</b>	<b>255</b>
<i>Orientações sobre os relatórios de pesquisa</i> .....	256
Referências .....	258
<b>Capítulo 16 - A escrita acadêmica no percurso de formação do pesquisador-escriptor: “que é que eu posso escrever?” .....</b>	<b>259</b>
16.1 <i>Começar a escrita...</i> .....	259
16.2 <i>“O que é escrever?” A escrita como prática que envolve outras ações</i> .....	261
16.3 <i>A escrita acadêmica como processo enunciativo-discursivo: “quem escreve, escreve algo a alguém...”</i> .....	264
16.4 <i>“Como posso escrever?” Rompendo os desafios da escrita acadêmica</i> .....	268
16.5 <i>Finalizando a escrita</i> .....	271
Referências .....	272
<b>Sobre os Autores .....</b>	<b>275</b>



## Capítulo 4

# No lapidar das palavras: a entrevista como processo de interação e dialogicidade

Márcio Barbosa de Assis e Ilsa do Carmo Vieira Goulart

### 4.1 Introdução

“Quando temos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, Se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: *a palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe, também, seus elementos constitutivos”.  
Paulo Freire (1987, p. 77)

Ao considerarmos a linguagem como um processo de interação social, entendemos que é por meio da linguagem que os sujeitos se expressam, se relacionam e se constituem. Nessa perspectiva, compreendemos a linguagem numa dimensão dialógica, que segundo Bakhtin e Volochínov (2004, p. 151), “a palavra vai à palavra”, em que o discurso interior retrata relações construídas em um discurso exterior. As palavras como expressão nas ações dialógicas se mostram carregadas de sentidos socialmente construídos, que se impõem com seus “elementos constitutivos”, conforme nos descreve a epígrafe.

A concepção dialógica da linguagem caracteriza-se por indicar que em seu processo discursivo constitui seus sentidos produzidos pela presença distintiva da intersubjetividade, abalizada pela interatividade verbal e não verbal, em situações concretas de exercício da linguagem, em forma dos atos linguísticos (SOBRAL, 2008).

A intersubjetividade, conforme descreve Sobral (2008), é vista em termos psíquicos, sociais e históricos, em vez de puramente psicológicos, considerada como corolário a condição de possibilidade da subjetividade. Também de caráter psíquico, social e histórico: o sujeito da linguagem, sujeito do discurso, é um agente, ou melhor, um interagente, alguém que age na presença mediata ou imediata de outro(s) agente(s) (GOULART, 2016).



Assim, neste capítulo pretendemos ampliar as discussões iniciadas no capítulo III da primeira parte dessa obra, sobre o procedimento de coleta de dados da entrevista na pesquisa em educação. Por isso trazemos uma reflexão teórica sobre a entrevista como um ato linguístico, em que as relações dialógicas são construídas com e pelas palavras, ora ditas, ora silenciadas, em que se põe em jogo a intersubjetividade dos sujeitos envolvidos.

Assim, compreendemos o procedimento metodológico da entrevista como objeto de reflexão e tomamos por delineamento da discussão as palavras do outro como *corpus* de análise. Desse modo salientamos que, nas pesquisas de abordagem qualitativa em educação, a entrevista assume um posto de destaque, como procedimento de coleta de dados, recorrente para a investigação nas Ciências Humanas, seja por propiciar um contato direto com aqueles que irão ceder um depoimento para constituir o elemento reflexivo da pesquisa; seja por favorecer uma aproximação imediata com a problemática constituída pelo pesquisador, e ainda, por conter uma dose de algo inusitado, de situações inesperadas ou de uma linguagem imprevisível (GOULART, 2013).

Ao apresentar a entrevista como um percurso metodológico, entendemos que os aspectos em destaque não são como uma situação modelo, mas como uma possibilidade ao pesquisador iniciante de conhecer as características, as formas de aplicação, as vantagens e desvantagens, de modo a dar a conhecer processos e probabilidades de atuação metodológica, corroborando com pesquisas futuras que elegem a entrevista como um recurso de coleta de dados para a ação investigativa.

Nessa direção, assumimos como objetivo descrever as principais características da entrevista como procedimento de coleta de dados, em diálogo com diferentes autores que tratam da temática. Para melhor organização da discussão proposta, apresentamos inicialmente uma reflexão da entrevista como processo de interação verbal na perspectiva enunciativa-discursiva, em seguida, adentramos na definição de entrevista como um instrumento de coleta de dados, abalizando a estrutura, a aplicação, as vantagens e desvantagens e a demarcação de algumas especificidades, como a entrevista em grupo e/ou entrevista coletiva e grupo focal.

## 4.2 A entrevista como processo de interação

Podemos apurar que pela entrevista a relação estabelecida é de interação, momento em que se permite um ambiente de reciprocidade entre o entrevistado e o entrevistador (GOULART, 2013; LÜDKE; ANDRÉ, 2010). Para Richardson (2017), a entrevista é



uma técnica que possibilita estreita relação entre os sujeitos envolvidos, possibilitando que as informações obtidas sejam conhecidas e experienciadas pelos entrevistados.

De acordo com Goulart (2013), a entrevista é muito mais do que uma simples troca de informações entre o entrevistador e o entrevistado, ou um ato de perguntas e respostas, trata-se de um momento oportuno de interação entre os envolvidos, não se limitando à troca de palavras, mas antes refere-se a uma relação, entre pessoas, instigada por uma curiosidade, pelo interesse em ouvir o que o outro sabe, pensa e entende sobre o assunto, provocada pelos gestos, sons não formalizados em palavras, olhares, expressões faciais e corporais, compondo dessa maneira uma riqueza de informações que devem ser acumuladas no bojo da entrevista.

Goulart (2013) relata que a entrevista é um recurso muito usado em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, pois a interação que é estabelecida entre os sujeitos da pesquisa pode proporcionar a aproximação com o problema estudado, a partir de indícios e de perspectivas compartilhadas pelas palavras formais que o entrevistado apresenta, acompanhada pelas reações físicas e emocionais que se evidencia durante o processo.

A opção pela realização de entrevistas coloca o pesquisador frente a outras práticas, as quais acompanham e determinam sua realização. A entrevista se mostra um procedimento metodológico de investigação repleto de ações prévias, momentâneas e posteriores de planejamento e execução. Nesse sentido, Goulart (2013) destaca diferentes momentos da realização da entrevista que impactam diretamente nas relações construídas entre o pesquisador e o percurso metodológico.

A realização das entrevistas constitui-se de quatro grandes momentos, o primeiro caracterizado como período de delimitação de critérios de escolhas e de seleção de quem serão os candidatos à entrevista; o segundo, como uma etapa de constatação e agendamento de um encontro; o terceiro, momento de efetivação da entrevista e o quarto constitui-se da ressignificação do discurso cedido (GOULART, 2013).

O momento de seleção dos candidatos caracteriza-se pela delimitação dos critérios de escolha daqueles a quem se direcionará a entrevista. A determinação de - a quem se destina e/ou de quem participará da entrevista - torna-se a tônica do procedimento metodológico de uma pesquisa de campo, o que requer levantamento de alguns critérios, pautados nos objetivos da pesquisa, bem como no ato de definir as principais metas de aplicabilidade, iniciando-se com a elaboração das possíveis perguntas que a direcionarão. Assim, Goulart (2013, p. 91) descreve que o “momento de tomada de decisões e de escolhas, na qual cabe ressaltar o quanto cada detalhe visto, ouvido e



sentido entre palavras, gestos e ações tornaram-se relevantes para os procedimentos que antecedem o efetuar da entrevista”.

O segundo momento corresponde aos contatos iniciais de forma consolidada, a iniciativa de se estabelecer relações movidas pela linguagem dialógica estabelecida. Desse modo, nessa etapa, o pesquisador precisa solicitar a permissão da realização da entrevista, dar aos possíveis participantes os esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos, os procedimentos de realização (presencial, videoconferência, ligação telefônica), registro de dados, como anotação e gravação, apresentar o termo de compromisso ético<sup>11</sup>. Pode surgir insegurança do candidato na participação ou não, por isso entendemos palavra como um ato comunicativo que não se restringe apenas a uma unidade isolada da língua, com sentido acabado e singular, mas “o significado da palavra refere uma determinada realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 291).

A efetivação da entrevista corresponde ao terceiro momento delineado pelo ato da palavra falada. Essa etapa caracteriza-se pela proximidade com o participante por meio do diálogo estabelecido. Um momento em que parece ser necessário assumir atitudes contraditórias à própria ação dialógica, segundo Goulart (2013), como: instigar um diálogo sem interferir nas respostas dos participantes com sua opinião enquanto pesquisador; estimular uma fala sem interromper os entrevistados; permitir a expressão de fatos e sentimentos, numa narrativa mais próxima às situações de interlocução espontânea, cuidando para não cair na tentação de acreditar que as entrevistas acadêmicas estão isentas de um jogo de representações e imagens, de negociações e de disputas, escaramuças e retiradas estratégicas (SILVEIRA, 2002).

No momento da entrevista, quando ocorre uma relação direta e síncrona com o participante, entram em cena a linguagem como comunicação e expressividade. É uma ocasião em que, na relação pesquisador e entrevistado, se intensificam os modos de se compreender o significado da palavra proferida. A condução das perguntas, seja da supressão ou da inserção de outras indagações ou comentários, será condicionada em relação a uma ação responsiva, tanto por parte do pesquisador quanto do entrevistado. A continuidade da entrevista se mostra marcada pela interação com o outro por meio da fala, da empatia, da expressividade de gestos e ações concordando ou não com o que está sendo posto no diálogo, favorecendo a construção do “colorido expressivo, que só se obtém no enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 292).

---

<sup>11</sup>Toda pesquisa acadêmico-científica que utiliza do procedimento metodológico de entrevista precisa solicitar a aprovação ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da universidade em que está inserido o pesquisador.



O quarto momento constitui-se do ato de se ressignificar o discurso cedido. Trata-se de uma etapa em que o pesquisador, após a transcrição da entrevista, precisará trabalhar de modo mais elaborado com o material coletado, no caso, as respostas, os comentários ou os depoimentos registrados. Nesse momento será necessário debruçar-se sobre um texto, num ato de se lapidar palavras, articulado pela interação que migra da oralidade para escrita, num trabalho de reflexão e análise a partir da engenhosidade e meticulosidade.

Nessa relação dialógica, agora estabelecida entre o pesquisador e o texto transcrito, temos a ciência de que entrevistador e entrevistado agiram com certa dosagem de interesses. Entendemos que “se, em dado momento, foi concedido um depoimento com a intenção de provocar uma interpretação distinta, tal concessão colocar-se-ia, diante do último momento da entrevista, uma etapa rumo ao consolidar da pesquisa: a análise dos discursos proferidos” (GOULART, 2013, p. 99).

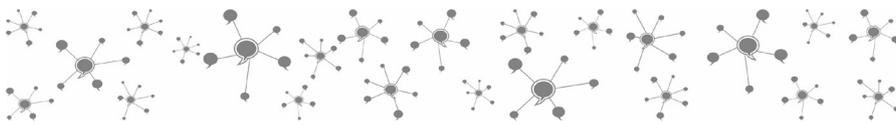
Esse momento se mostra marcado pela ação pesquisadora de descrição e análise que, frente às transcrições, será possível apresentar o contexto de realização da entrevista, os dados em relação à caracterização do perfil dos entrevistados, para que em imersão ao conteúdo cedido, possamos observar as particularidades das palavras, questionar os sentidos possíveis, aproximar ideias, topicalizar, classificar e ressignificar o discurso concedido.

### **4.3 Entrevista: um instrumento de obtenção de dados**

Como técnica de coleta de dados em uma pesquisa, sobretudo na área das ciências sociais, a entrevista é um instrumento de grande relevância, pois possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, sobretudo, acerca do comportamento humano e das representações sociais postas pelo discurso. Basicamente a entrevista ocorre no encontro entre duas ou mais pessoas, com o objetivo de obter informações relacionadas a um determinado assunto, mediante uma conversa de cunho profissional. Esse instrumento de pesquisa busca informações de interesse a uma determinada investigação.

Gil (2012) define entrevista como uma técnica de coleta de dados em que o pesquisador realiza perguntas ao entrevistado, tido como fonte de informação com o intuito de obter dados relacionados ao interesse da pesquisa. Compreende um procedimento de interação social, ou como conceitua o autor, um diálogo assimétrico.

Nessa perspectiva, a entrevista torna-se processo dialógico, ou seja, de duas partes, que geralmente envolve duas pessoas ou que pode ir além da dualidade entrevistador-



entrevistado, nas palavras de Freire (1987, p. 78) em que o “diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Contudo, a entrevista pode envolver mais de duas pessoas, mas como dizem Stewart e Cash Junior (2015), jamais de duas partes, restringindo-se a entrevistador e entrevistado. Havendo mais de duas partes envolvidas, constitui-se de uma interação de um grupo com multiplicidade de partes, ou seja, não se caracterizando como uma entrevista.

O que diferencia a entrevista de uma conversa social ou de uma interação informal e sem planejamento é o fato de o entrevistador ir à entrevista com um objetivo claro e predeterminado, deve haver planejamento e estrutura. É essencial que sejam preparadas perguntas, planejada a abertura e o fechamento, a fim de reunir informações pertinentes ao objetivo da pesquisa.

A entrevista não é um simples diálogo ou conversa, resumindo-se em perguntas e respostas, mas como técnica de coleta de dados, é uma discussão orientada com objetivos bem definidos, que discorrerá a partir de um interrogatório, em que o entrevistado irá discorrer sobre opiniões, conteúdos e/ou assuntos específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa. Assim, Rosa e Arnoldi (2007, p. 17) definem entrevista como “uma das técnicas de coleta de dados considerada uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo”.

Rosa e Arnoldi (2007) enfatizam que a entrevista deve ser utilizada quando se deseja encontrar informações onde não há registros ou fontes documentais que apresentem dados consistentes; quando há necessidade de complementação de dados que foram extraídos de outras fontes, ou quando se quer observar o ambiente e o comportamento do entrevistado. Essa última é considerada uma das maiores vantagens nessa técnica de coleta de dados, pois durante a entrevista, tem-se a oportunidade de obter informações sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, ou seja, é uma grande fonte de informações que vão além do relato oral, oferecendo subsídios para a interpretação dos dados apresentados pelos entrevistados (FRASER; GONDIM, 2004; MINAYO, 1993). Portanto, durante a entrevista, há grande subjetividade entre o entrevistador e o entrevistado, podendo constituir relevante fonte de informação, contribuindo para os resultados e objetivos da pesquisa (ROSA; ARNOLDI, 2007).

Por envolver uma ação dialógica, a entrevista nos põe em contato com uma linguagem, ou seja, com palavras oralizadas, como também com silêncios, que nos aproxima da



subjetividade do outro, das formas de ser e de fazer, pois “pronunciar o mundo é modificá-lo” conforme ressalta Freire (1987, p. 78), em que a palavra expressa se transforma em ação, um posicionamento frente ao tema a ser discutido ou o assunto explorado.

Lüdke e André (2010) consideram a entrevista como uma técnica altamente eficiente, se comparada a outras técnicas, como exemplo do questionário; pois no decorrer do processo o entrevistador pode executar correções, realizar esclarecimentos e até mesmo adaptações que sejam necessárias para se obter outras informações, sendo que em outras técnicas de coleta de dados, como o questionário, isso não é possível. Portanto, a entrevista, segundo as autoras, ganha vigor, vida no decorrer do diálogo realizado entre o entrevistado e o entrevistador.

#### **4.4 Estruturação das entrevistas**

A entrevista pode ser classificada considerando o nível ou tipo de estruturação a ser realizada, conforme os objetivos definidos na realização do projeto de pesquisa. Elas são categorizadas em entrevista não estruturada, semiestruturada e estruturada. Na sequência serão apresentadas as características de cada modalidade.

Para a realização da entrevista não estruturada, também conhecida como não padronizada ou livre, o entrevistador tem total liberdade de percurso, pois não é definida uma lista de perguntas a serem feitas aos entrevistados. As entrevistas livres são realizadas por meio de um relato oral que obtém informações do entrevistado com quase nenhuma interferência do entrevistador, nesse caso tem-se “uma narrativa que segue uma sequência em função do que e como o sujeito recorda, da seleção que ele faz de acontecimentos e pessoas a ele relacionadas e do que ele pretende relatar” (ROSA; ARNOLDI, 2007, p. 31). Por exemplo, se a proposta for conhecer a estrutura e o funcionamento de uma instituição escolar, serão feitas questões distintas aos diferentes profissionais, devido aos cargos ocupados por aqueles que ali trabalham.

Outra modalidade é conhecida como entrevista semiestruturada. Para o desenvolvimento desse gênero, o entrevistador utiliza um esquema básico, previamente definido que irá orientar a conversa, porém, sem permanecer condicionado rigidamente às questões pré-definidas, ou seja, o entrevistador realiza adaptações que julgar necessárias, conforme o desenvolvimento da entrevista (LÜDKE; ANDRÉ, 2010). Há uma flexibilidade no desenrolar da conversa, dependendo da dinâmica e do discurso dos envolvidos, não se fixando à sequência das questões definidas, assim essa modalidade de entrevista permite que o processo ocorra de forma mais natural.



Ainda, como categoria de entrevista, temos a entrevista estruturada, padronizada ou fechada (FRASER; GONDIM, 2004). Nesse caso o entrevistador segue rigidamente o roteiro de questões previamente elaboradas, de maneira idêntica, em sua forma e sequência, com todos os entrevistados. Rosa e Arnoldi (2007, p. 29) definem a entrevista estruturada com o “estabelecimento de questões formalmente elaboradas, que seguem uma sequência padronizada, com uma linguagem sistematizada e de preferência fechada, voltando-se para a obtenção de informações, através de respostas curtas e concisas”. Para Lüdke e André (2010), esse tipo de entrevista é muito semelhante à aplicação de questionário, exceto pelo fato de o pesquisador estar presente, sendo que é uma vantagem em relação ao questionário, pois o entrevistador pode esclarecer alguma dúvida, caso haja necessidade. Essa modalidade é utilizada quando “se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata, em geral mediante tratamentos estatísticos” (LÜDKE; ANDRÉ, 2010, p. 34), ou seja, os dados colhidos serão submetidos a uma análise quantitativa (ROSA; ARNOLDI, 2007).

Flick (2009) apresenta diversos tipos de entrevistas, de forma a contribuir no desenvolvimento da entrevista semiestruturada, são elas: entrevista focalizada, semipadronizada, centrada no problema, entrevista com especialistas e entrevista etnográfica. Na sequência, vamos conhecer cada uma dessas modalidades, seus objetivos e formas de aplicação.

a) Entrevista focalizada: o objetivo dessa modalidade é fornecer base para estudos do impacto da mídia da comunicação em massa. Inicialmente apresenta-se um estímulo, como um filme, um áudio, uma transmissão de rádio, uma publicação impressa (panfletos, jornais) etc., então se estuda o impacto do que foi exibido sobre o entrevistado, utilizando-se um guia de entrevista.

O conteúdo do estímulo a ser apresentado é analisado antecipadamente a fim de estabelecer os  *fatos objetivos* e as  *definições subjetivas* fornecidas pelos entrevistados, a fim de compará-los.

O planejamento do guia de entrevista, bem como a condução da entrevista são balizados por critérios que serão utilizados, como “o não direcionamento, a especificidade, o espectro e, ainda, a profundidade e o contexto pessoal revelados pelo entrevistado” (FLICK, 2009, p. 144).

No  *não direcionamento* são realizadas diversas perguntas, podendo ser não estruturadas, como por exemplo: “o que o impressionou nesse relato?”; semiestruturadas, focando em determinada parte do texto ou do filme, exemplo: “o que você aprendeu



com esse conteúdo?"; ou com questões estruturadas: "ao analisar o diálogo entre o ator A e ator B, o que achou da linguagem utilizada?". Segundo Flick (2009), o entrevistador deve estar atento para não influenciar nas respostas.

A *especificidade* requer que na entrevista sejam identificados os "elementos específicos que determinam o impacto ou o significado de um evento para os entrevistados, a fim de impedir que a entrevista permaneça no nível dos enunciados gerais" (FLICK, 2009, p. 145).

Quanto ao critério do *espectro*, esse deve atentar e garantir que todos os aspectos relevantes do conteúdo sejam abordados na entrevista.

Sobre a *profundidade* e o *contexto pessoal*, o entrevistador deve cuidar para que as respostas apresentadas pelos entrevistados não sejam restritas a uma só palavra, como "sim", "não", "gostei", "interessante". O entrevistador tem a função de obter o máximo de comentários do entrevistado, de forma que seja revelada a percepção e as experiências produzidas pelo estímulo inicial.

b) Entrevista semipadronizada: surgiu com o intuito de estudar teorias subjetivas em escolas e áreas de trabalho profissional. Entende-se teoria subjetiva como a reserva de conhecimentos de um tópico ou estudo específico, que possuem os entrevistados. Como exemplo, muitos professores têm uma teoria subjetiva sobre a situação educacional no país na contemporaneidade, quais as causas, problemas, o que deve ser feito, como pode ser feito etc. É um conhecimento que apresenta "suposições que são explícitas e imediatas, que podem ser expressas pelos entrevistados de forma espontânea ao responderem uma questão aberta, sendo essas complementadas por suposições implícitas" (FLICK, 2009, p. 149).

Na entrevista semipadronizada tem-se a entrevista real, que é completada pela técnica da disposição da estrutura, sendo aplicada em conjunto com os entrevistados, têm seus enunciados extraídos da entrevista anterior e transformados em estrutura, permitindo também sua validação comunicativa, que é o consentimento do entrevistado para estes enunciados.

c) Entrevista centrada no problema: tem por objetivo formular perguntas e aprofundar a investigação no decorrer da entrevista. Utiliza-se o guia de entrevista, e, a partir daí são incorporadas questões e estímulos narrativos, visando coletar dados biográficos específicos de um problema.

Essa técnica de entrevista é caracterizada por três condições:

1. Centralização do problema: orientação do pesquisador para um problema social relevante;



2. Orientação ao objeto: métodos desenvolvidos ou modificados com respeito a um objeto de pesquisa;
3. Orientação ao processo: no processo e no entendimento do objeto de pesquisa (FLICK, 2009, p. 154).

d) Entrevista com especialistas: em contraposição às entrevistas biográficas, que o interesse é na pessoa, suas experiências, suas percepções, aqui o foco é na “capacidade de ser especialista para determinado campo de atividade. Elas são integradas ao estudo não como um caso único, mas representando um grupo” (FLICK, 2009, p. 158). O guia de entrevista possui uma função mais direcionada, excluindo-se pontos improdutivos. O ponto principal é se o entrevistador é capaz ou não “de restringir e determinar a entrevista e o entrevistado para o domínio de interesse” (FLICK, 2009, p. 158).

e) Entrevista etnográfica: a observação participante é o cerne da pesquisa de campo etnográfica. É caracterizada por uma estrutura aberta, pois como menciona Spradley (1979 *apud* FLICK, 2009, p. 159), a entrevista etnográfica é “uma série de conversas cordiais nas quais o pesquisador lentamente introduz novos elementos para auxiliar informantes a responderem como informantes”. É uma modalidade que ocorre de maneira espontânea, na relação ou contato entre o entrevistador e o entrevistado.

O desafio dessa forma de entrevista está em como o pesquisador poderá adaptar as conversas que surgem no campo em entrevistas, nas quais o desdobramento das experiências do outro seja “sistematicamente alinhado com o assunto da pesquisa” (FLICK, 2009, p. 159).

Essa modalidade tem como característica a “estrutura local e temporal”, pois o campo da entrevista não é tão claramente definido quanto em outras situações de entrevista, previamente planejadas. Também, as oportunidades para uma entrevista, normalmente surgem de forma espontânea a partir de contatos de campos regulares.

## 4.5 Aplicação da entrevista

A aplicação da entrevista depende de alguns fatores, como a forma em que a entrevista será realizada, a capacidade e o conhecimento que o pesquisador ou entrevistador tem a respeito da técnica a ser utilizada e a preparação prévia para execução da coleta de dados. Rosa e Arnoldi (2007, p. 14) relacionam alguns pressupostos que o pesquisador deve ter ciência, ao optar pela técnica de entrevista, conforme apresentado na sequência:

- a) o problema em questão será realmente solucionado através da contribuição da utilização dessa técnica?
- b) de todas as técnicas de coleta de dados, essa é a que melhor viabilizará o desenvolvimento da pesquisa, fazendo-a fluir, complementando-a e respondendo a todas as dúvidas, com validação?



- c) o entrevistador é um profundo conhecedor do tema sobre o qual fará questionamentos?
- d) o entrevistador está preparado psíquica e fisicamente para o desenvolvimento da entrevista?
- e) o entrevistador é capacitado e preparado para efetivar a formulação de questões inesperadas, que, na condução da entrevista, se fizerem necessárias?
- f) o entrevistador está capacitado para analisar e codificar corretamente os dados obtidos através das respostas, e com o devido discernimento?
- g) o entrevistador tem como proceder com adequação à seleção dos sujeitos para a entrevista e de maneira justificável?

Esses aspectos são essenciais, pois devem levar à validação dos resultados, a partir de uma sistematização e rigor na busca e na produção de conhecimentos. No momento da entrevista o tema proposto é apresentado pelo entrevistador tendo por base seus conhecimentos prévios, que são de grande relevância no momento da entrevista. Outro aspecto fundamental na entrevista é a confiança estabelecida na interação, a fim de se obter a legitimidade das informações apresentadas pelos interlocutores. Criada a relação de confiança, o entrevistado sente-se à vontade para relatar suas experiências e expor suas opiniões e, às vezes, até mesmo alguns sentimentos (FRASER; GONDIM, 2004). Ao demonstrar suas opiniões e sentimentos, acentua-se maior interação entre o entrevistado e o entrevistador, tornando-se um momento oportuno para uma investigação mais aprofundada sobre o tema abordado. Para isso, o entrevistador deve agir com prudência e discernimento, demonstrando interesse e grande respeito pelo entrevistado, bem como por suas experiências.

Ocorrendo essa situação de desabafo, Rosa e Arnoldi (2007) orientam que o entrevistador deixe o relato transcorrer sem interferências, contudo, extraíndo somente os conteúdos pertinentes.

Antagonicamente a essa situação, é muito comum que o entrevistado evite falar sobre questões de cunho pessoal, sobre assuntos que o participante não se sinta à vontade ou com segurança para relatar, comentar ou manifestar uma opinião, evitando algum tipo de comprometimento relacionado a questões negativas de seu ambiente organizacional. Isso se dá por considerar o entrevistador-pesquisador como um estranho, que inspira desconfiança sobre a segurança das informações relatadas, gerando no participante medo ou receio de se expor, seja pela timidez para expor questões pessoais, seja pela incerteza ao comentar sobre as percepções ou compreensões no âmbito profissional, entre outros sentimentos.

Essa limitação deve ser superada pelo entrevistador, produzindo um clima de confiança, sinceridade e empatia, conforme enfatizado por Rosa e Arnoldi (2007), pois a



confiabilidade a ser estabelecida é crucial para um vínculo afetivo e, conseqüentemente, promover um ambiente profícuo de interrelação. Diante disso, o entrevistador-pesquisador pode estabelecer uma relação de interação entre os envolvidos na entrevista, pois na medida em que houver aceitação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, a entrevista fluirá com consistência e autenticidade (LÜDKE; ANDRÉ, 2010).

Lüdke e André (2010) destacam as formas de registro das informações obtidas na entrevista, sendo a gravação direta e a anotação no momento da entrevista. A gravação possibilita o registro integral do conteúdo relatado, permitindo que o entrevistador não se distraia com as anotações, ficando atento às expressões corporais como gestos, olhares, respiração, mudança de postura etc., que, segundo as autoras, pode constranger o entrevistado, produzindo um efeito negativo durante a entrevista. Ao gravar a conversa é possível que o entrevistado fique inibido, não se sentindo à vontade para responder às perguntas. Outro ponto negativo apresentado pelas autoras é o fato de transcrever a entrevista, sendo um processo extremamente trabalhoso, em que são necessárias muitas horas para esse trabalho. Vale ressaltar que para que seja feita a gravação, o entrevistado deve estar ciente do processo e concordar que a conversa seja gravada. Outro aspecto trata-se da disponibilização de diferentes aplicativos digitais e programas que auxiliam na gravação e transcrição da entrevista, facilitando o trabalho do pesquisador, mas que possuem limitações na transcrição fidedigna da fala, o que requer conferir de forma meticulosa o texto para evitar equívocos.

A outra forma de registro é a anotação das respostas, contudo, é extremamente limitada, pois muitas falas não se conseguem anotar, além do entrevistador perder a oportunidade de observar as reações do entrevistado, pois sua atenção está totalmente voltada para a escrita. Também pode gerar uma falta de interação, pelo fato de o entrevistador não conseguir manter os olhos e acompanhar com mais atenção à fala do entrevistado.

Após a entrevista, é importante que o pesquisador faça as anotações sobre o ambiente, postura do entrevistado, reações e qualquer outra informação que julgar importante. Não convém que deixe para outro momento, pois pode se esquecer e perder conteúdos importantes que foram obtidos na entrevista. O ideal é anotar todas as percepções e impressões logo após o contato com o entrevistado (FLICK, 2009; LÜDKE; ANDRÉ, 2010).

Para se obter resultados mais eficazes em uma entrevista, em muitos casos é recomendado que se utilize, junto à técnica da entrevista, o **diário de campo** também como instrumento de coleta de dados. Nele registram-se as observações feitas *in loco*



sobre situações do ambiente, a estrutura e organização dos espaços que forem visitados, bem como tudo que for considerado importante na coleta de dados para compor o bojo da pesquisa (FLICK, 2009).

A escolha da forma de registro deverá ser feita pelo pesquisador, conforme suas habilidades e preferências, considerando, ainda, que na entrevista pode-se utilizar as duas formas de coleta de dados, a gravação e a anotação, claro que de forma mais simplificada para que se possa dar maior atenção aos entrevistados, produzindo a interação que se deseja.

## 4.6 Vantagens e desvantagens da entrevista

Para Gil (2012) a entrevista é uma técnica de coleta de dados que apresenta grande eficiência, sobretudo na obtenção de dados relativos ao comportamento humano, podendo ser utilizada para extrair informações dos mais variados aspectos da vida social, e, também pelo fato de que os dados obtidos serem passíveis de classificação e em muitos casos de quantificação.

Ao se comparar com a técnica do questionário, a entrevista apresenta diversas vantagens, como destaca Gil (2012, p. 110):

- a) não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever;
- b) possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado;
- c) oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista;
- d) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

No entanto, essa técnica também apresenta algumas desvantagens, das quais relacionamos abaixo:

- a) a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
- b) a inadequada compreensão do significado das perguntas;
- c) o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes
- d) inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos;
- e) a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado;



- f) a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado;
- g) os custos com o treinamento de pessoal e a aplicação das entrevistas (GIL, 2012, p. 110).

Naturalmente essas limitações podem interferir na qualidade da entrevista, de forma a prejudicar o desenvolvimento da pesquisa, contudo, essas deficiências podem ser superadas pelo esforço, empenho e preparação do entrevistador, de forma a promover uma interação eficiente e eficaz com o entrevistado (GIL, 2012; ROSA; ARNOLDI, 2007).

## 4.7 Entrevistas em grupo

Tanto a entrevista individual quanto a entrevista em grupo são muito utilizadas para coleta de dados em pesquisas nas áreas das ciências sociais (FRASER; GONDIM, 2004).

Na entrevista individual ocorre uma interação entre o entrevistado e o entrevistador, conhecida como díade. Essa modalidade é indicada em estudos de casos, histórias de vida, biografias, ou seja, quando se busca maiores detalhes sobre a pessoa, suas experiências e prática profissional. Também quando não é viável que se trate do assunto em questão num grupo (BAUER; GASKELL, 2012).

Quando a pesquisa tem interesse público, como política, redes sociais, lazer, mídia, ou seja, conteúdos que não tenha o caráter íntimo, é indicado o uso da entrevista grupal, da qual pode ser aplicada exclusivamente como coleta de dados ou concomitantemente com outras técnicas, dependendo da necessidade (BAUER; GASKELL, 2012).

Da mesma forma da entrevista individual, a entrevista grupal e/ou coletiva pode ser não estruturada, semiestruturada e estruturada, conforme o propósito da pesquisa.

Para Kramer (2007, p. 64), a técnica de entrevista coletiva, nas ciências humanas, pode se caracterizar como um “espaço de narrativa entre os profissionais entrevistados”. Semelhante à entrevista grupal, durante a entrevista coletiva “o diálogo, a narrativa da experiência e a exposição de ideias divergentes ocorrem com intensidade muito maior, na medida em que os professores podem falar e, também, escutar uns aos outros”. Como estratégia metodológica Kramer (2007) salienta que a entrevista coletiva possibilita: identificar pontos de vista, modos de percepção dos participantes; reconhecer aspectos mais emblemáticos e polêmicos; promover debates; estimular a compreensão ou conscientização de situações, propostas, ideias ou mesmo de aspectos conceituais de modo crítico e reflexivo.

A entrevista grupal e/ou coletiva se difere dos grupos focais de acordo com o tipo de abordagem e os objetivos da pesquisa. Nas entrevistas grupais, o objetivo é “conhecer



as opiniões e o comportamento do indivíduo no grupo” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 149). O entrevistador realiza uma interação didática com cada participante do grupo, diferente dos grupos focais, pois o que se busca na técnica de grupo focal é a opinião que surge por conta da interação das pessoas no momento da reunião, sendo que neste contexto há grande influência na formação de opiniões. No grupo focal, o papel do pesquisador é mais como um moderador ou facilitador nas discussões do grupo. Na entrevista de grupo o pesquisador se dirige a cada participante do grupo, analisando o indivíduo no grupo (FRASER; GONDIM, 2004; GONDIM, 2002).

Gondim (2002) cita como vantagem da entrevista em grupo a oportunidade do pesquisador observar *in loco* os contrastes e as semelhanças das opiniões dos envolvidos no grupo, bem como suas experiências. Tanto as entrevistas grupais quanto os grupos focais permitem ao pesquisador maior compreensão transversal sobre o conteúdo discutido, oportunizando a construção de um mapeamento dos argumentos apresentados a partir dos tópicos debatidos.

## 4.8 Grupos focais

A técnica de entrevista conhecida como grupo focal tem o intuito de produzir e analisar a interação entre os participantes. Não é uma abordagem individual em meio a um grupo, como perguntar a mesma questão para cada participante do grupo por vez, essa técnica é conhecida como entrevista de grupo, e não constitui uma entrevista de grupo focal (BARBOUR, 2009). Barbour (2009) destaca que no grupo focal o pesquisador deve promover continuamente a interação do grupo e estar atento a todas as falas e, sobretudo, às reações dos participantes. Esse estímulo provocado pelo pesquisador ou moderador do grupo tem o objetivo de desenvolver a interação dos participantes, fazendo com que os membros conversem entre si e não somente com o pesquisador, respondendo questões. Portanto, as questões apresentadas para o grupo devem estimular as discussões em grupo.

Flick (2009) destaca o cuidado necessário para que o grupo focal não se torne uma sessão para resolução de problemas entre a equipe e reforça que não se trata de uma equipe com o intuito de tomada de decisões. Portanto, o objetivo deve ser a entrevista, com foco no aprofundamento de reflexões sobre o tema em questão. Observado este aspecto, o grupo focal é muito eficaz para identificar tendências e até mesmo desvendar problemas que podem estar velados no ambiente pesquisado.

Para Costa (2011) e para Kind (2004), o grupo focal é uma modalidade de pesquisa qualitativa, que tem por objetivo identificar processos, aspectos valorativos e



normativos que são importantes para o grupo em questão. Sua técnica de coleta de dados que possibilita conhecer, de forma flexível e dinâmica, os sentimentos, as opiniões e as contradições que determinado grupo tem a partir da discussão de um tema previamente estabelecido (DEBUS, 2004; GATTI, 2005; GIOVANAZZO, 2001; MINAYO, 1993).

No grupo focal o pesquisador propõe questões com a finalidade de desencadear discussões, a fim de obter informações e construir conhecimentos a respeito da temática debatida, também pode ter o intuito de desvelar sentimentos, assim podem-se consolidar as falas dos participantes. A interação produzida no grupo focal tende a produzir dados e *insights* que dificilmente seriam obtidos fora do grupo. Considera-se o processo e a interação do grupo para obtenção de dados, não somente o somatório de opiniões, de sentimentos e pontos de vista de forma individualizada dos participantes (KIND, 2004).

Kind (2004, p. 127) apresenta algumas indicações para a utilização do grupo focal como técnica de coleta de dados:

- a) exploração inicial com pequenas amostragens da população;
- b) investigação profunda de motivações, desejos, estilos de vida dos grupos;
- c) compreensão da linguagem e das perspectivas do grupo;
- d) teste de conceitos e questões para futuras investigações quantitativas;
- e) acompanhamento de pesquisa qualitativa;
- f) obtenção de informações sobre um contexto específico;
- g) obtenção de informações sobre novos produtos, conceitos, fenômenos etc.
- h) a interação pode fomentar respostas mais interessantes ou novas e ideias originais;
- i) a pressão de participantes homogêneos facilita suas reflexões, ao mesmo tempo que incita opiniões contrárias;
- j) o tema não é tão delicado a ponto de dificultar as respostas;
- k) o tema tem a possibilidade de ser discutido por todos os participantes.

Deve-se atentar que os grupos focais não são úteis para inferências precisas a respeito de toda a população. A técnica utiliza-se de questões não estruturadas, podendo apresentar novas ideias sobre o assunto que está sendo investigado. O objetivo é obter informações e não dar informações ao grupo.

Convém que o grupo focal seja constituído de um moderador e um observador, para que se construa um processo eficaz na obtenção de dados, sejam esses dados verbais ou não verbais, de forma a validar a investigação realizada. Ao moderador cabe a condução da discussão, como um guia dos temas a serem discutidos; e ao observador, analisar as interações, reações do grupo, suas dificuldades e limitações, sendo esse menos ativo durante o encontro, tendo como prioridade o registro da linguagem e da comunicação não verbal (BARBOUR, 2009; FLICK, 2009; KIND, 2004).



Embora não haja consenso quanto à quantidade de participantes em um grupo focal, alguns autores indicam que o ideal seja de 7 a 12 pessoas, um número pequeno, mas ideal para que ocorra uma boa interação entre os membros. Quanto à duração do grupo focal, o recomendado é que aconteça em média de 60 a 120 minutos, não ultrapassando o tempo proposto, para não desestimular o grupo. Também não se devem produzir muitos temas, mas concentrar-se em poucos tópicos para não se tornar exaustiva a reunião (DEBUS, 2004; GATTI, 2005; GIOVANAZZO, 2001; KIND, 2004; MINAYO, 1993).

## 4.9 Considerações finais

Nesse texto destacamos a entrevista como um procedimento metodológico, a partir da reflexão das principais características desse instrumento recorrente nas pesquisas qualitativas, como também, apontamos o ato de entrevista na perspectiva dialógica, por compreendemos que a linguagem se põe em atividade, seja do entrevistador ou do entrevistado, a palavra ganha espaço de expressividade, pois “o diálogo é uma exigência existencial”, conforme assinala Freire (1987, p. 79).

Desse modo, vemos que o ato de entrevistar não se mostra como uma ação única e acabada, mas se apresenta como uma prática constituída por momentos distintos, os quais precedem, movimentam, direcionam e finalizam sua efetivação, colocando o entrevistador numa posição de sujeito atuante, agente condutor de uma relação marcada pela imprevisibilidade e por situações desafiadoras.

A entrevista como um processo de interação dialógica se mostra uma ação dinâmica, envolvente e desafiante para quem a executa, por desencadear e mobilizar outras tantas ações. O trabalho investigativo subsidiado pela linguagem, numa ação artesã de lapidar as palavras do outro, que exige do pesquisador um movimento reflexivo direto com os efeitos de sentidos produzidos pela fala transcrita. Exige, ainda, certa sensibilidade ao articular ideias, pensamentos, modos de perceber uma dada realidade, em consonância com aquilo que se pretende discutir na pesquisa, remete ao ato de potencializar as palavras cedidas pela oralidade, na composição de um texto escrito, em que as palavras, pausas, silêncios são ressignificados, por meio da transcrição. Por isso a entrevista não se resume a um ato de troca entre o que se quer saber e o que se concede em respostas, porque a palavra é “[...] encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns e outros. É um ato de criação” (FREIRE, 1987, p. 79).



## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, M. E. B. Grupo focal. *In*: COSTA, M. E. B. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. cap. 11, p. 180-192.

DEBUS, M. Manual de excelência em la investigacion mediante grupos focales. *In*: ESPERIDIÃO, E. (ed.). **Reflexões sobre a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa**. São Paulo: Fundação UNESP, 2004. p. 3-29.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmet, 2009.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 486-489, jul./dez. 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIOVANAZZO, R. A. Focus group em pesquisa qualitativa: fundamentos e reflexões. **Revista Administração On Line**, São Paulo, v. 2, n. 4, out./dez. 2001. Disponível em: [https://www.fecap.br/adm\\_online/art24/renata2.htm](https://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm). Acesso em: 1 set. 2019.

GONDIM, S. M. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002.

GOULART, I. do C. V. Linguagem, dialogicidade e docência: o processo de formação em atos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 16, n. 49, p. 705-726, jul./set. 2016.



GOULART, I. do C. V. Relato de experiência: a entrevista como um processo de interação dialógica. **Revista Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 7, n. 13, p. 87-100, jul./dez. 2013.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

KRAMER, S. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com a diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. *In*: FREITAS, M. T. *et al.* **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 57-76.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2010.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ROSA, M. V. de F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. *In*: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 117-138.

SOBRAL, A. O ato “responsável”, ou ato ético em Bakhtin, e a centralidade. **SIGNUM: estudos da linguagem**, Londrina, v. 11, n. 1, p. 219-235, jul. 2008.

STEWART, C. J.; CASH JUNIOR, W. B. **Técnicas de entrevista: estruturação e dinâmica para entrevistados e entrevistadores**. 14. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.